



NEWSLETTER DO SEMINÁRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS – BRASÍLIA-DF

O POVERELLO

Ano II - nº VII – Janeiro/Febrero/Março de 2017

Caros confrades, amigos e benfeitores do Seminário São Francisco,
Paz e Bem!

É com grande alegria que iniciamos mais um ano, esperançosos de sermos realizados nas várias realidades às quais ocupamos dentro da sociedade. E estando inseridos dentro do século, temos uma oportunidade de sermos sal e luz em várias realidades existenciais, temperando-as e alumando-as com o sabor e a Luz advinda do Cristo, nossa páscoa.

A abertura do nosso editorial do ano de 2017 trará experiências de vários frades, experiências adquiridas do final do ano passado ao início do ano decorrente. Descreveremos um pouco nossas férias, as quais, além de ser um tempo de descanso e passeio, é também um tempo de reencontro com nossa história de vida, de alegrarmos-nos com os nossos familiares e amigos, de fazermos recordações de tantas experiências vividas.

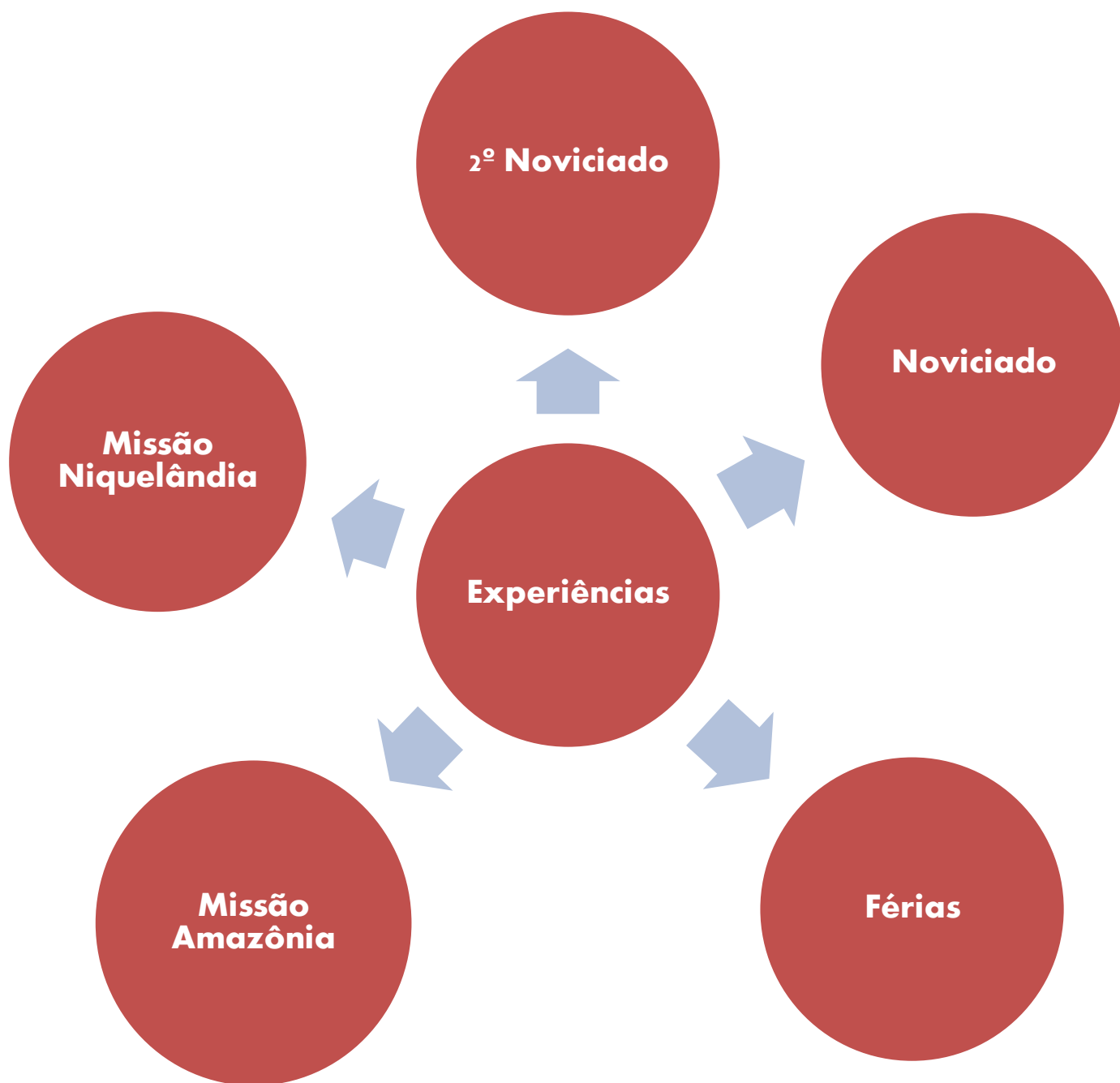
Traremos ainda o relato de dois frades que estiveram na missão em nossas casas na região amazônica, lugar querido por Dom Agostinho e onde dera a sua vida por esta missão. Falaremos também sobre o segundo noviciado realizado em Curitiba, no qual quatro frades participaram sendo inseridos no aprimoramento duma formação humana-espiritual franciscana. Destacaremos, além disso, a semana missionária de seis frades em Niquelândia, a participação do frei Almir na novena de Nossa Senhora das Candeias (BA) e, por fim, a experiência de seis frades que fizeram o noviciado em Caçapava-SP, os quais, tendo professado os seus primeiros votos de pobreza, castidade e obediência, já estão vivendo no seminário Francisco Assis, aprofundando o que lhes fora oferecido no tempo do noviciado e dando início ao curso de teologia.

Nesta edição

Experiência Noviciado	03
Experiência 2º Noviciado	04
Missão Niquelândia	14
Missão Amazônia	18
Férias Conventuais	20
A Quaresma é um tempo propício	22
Outros acontecimentos	23
Indicamos aos nossos amigos	24

Fraternalmente em Cristo e Francisco de Assis,

O Poverello.



O ano do noviciado, imprescindivelmente, é o ano da experiência com o profundo da espiritualidade franciscana. Chamaria o ano do profundo confronto. Confronto com o próprio eu, com o outro, com as suas perspectivas de Deus, e principalmente confronto com o mistério do ser Frade Menor. E na dinâmica do confronto, o certo e o errado perdem o acento, e o que de fato entra em vigor são os frutos, esses que são vislumbrados a partir do vigor do trabalho de si mesmo, e isso no engajamento sincero e comprometido de assumir dia-a-dia o que se é na liberdade criativa de viver de acordo com o chamado do Senhor.



Estes frutos são a experiência e o encontro com o Cristo Crucificado. São coisas que não surgem de nós mesmos ou do nosso trabalho, mas simples e somente de Deus. Porém, é preciso o empenho, o trabalho, o cuidado de si e do outro para que o dom seja alcançado, pois é dom de conquista. Assim nos ensina São Paulo: “Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento.” (1Cor, 3,6). E o crescimento dado por Deus precisa de cultivo. Desse somos estritamente responsáveis, e cada um pelo seu próprio, pois o caminho que é Jesus Cristo, na vida de cada homem, é intransferível.

Disto nos aportamos para perceber a largueza de Deus. Ela, a largueza de Deus, como algo não mensurável, assim asseveramos porque o intuito do trabalho de nós mesmos é justamente o vislumbre da possibilidade de um dia nos identificarmos verdadeiramente como “filhos [do] Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama a chuva sobre justos e injustos.” (Mt, 5, 45). Certamente este é o nosso DNA. Agora precisamos nos empenhar para vê-lo aflorar e produzir, no Senhor, com o Senhor e por meio Dele, os frutos do encontro e da experiência com Cristo, e esse Crucificado.

É por conta destes frutos que inicialmente mencionamos que o ano do noviciado é o ano da experiência com a espiritualidade franciscana, essa que se dá singularmente, com o toque, o encontro com o Cristo Crucificado. Ele nos ensina que o Caminho pelo qual devemos trilhar é Ele próprio e, para isso, é preciso trabalho e empenho de si, todos os dias novamente, o novo sempre outra vez ressurgindo. Tudo isso porque ser Frade Menor é ser outro Cristo, a cada dia novamente.

O ano do noviciado é marcado pelo período de aprofundamento no seguimento de nosso Senhor Jesus Cristo, na escola de São Francisco e da afeição pela vida religiosa franciscana. O noviciado é o coração da vida religiosa, tempo da graça para aprofundar e crescer na afeição pelo estilo de vida herdado de São Francisco.



Nesse sentido, é um ano de confronto e interiorização dos valores evangélicos. Por meio desse confronto, busquei ser responsável cada dia pelo chamado vocacional. Diante desse confronto com os valores evangélicos, percebi que a minha vocação é um chamado de Deus e que, a cada passo, preciso renovar sempre mais o desejo de ser um fiel seguidor de Cristo na escola franciscana. Com isso, reconheci o quanto é rica a nossa espiritualidade franciscana, e como preciso sempre de novo estar disponível para acolher a manifestação de Deus em cada situação e reconhecer o seu amor presente na forma de vida

franciscana.

O noviciado foi um ano de graça no qual a vida religiosa franciscana proporcionou reconhecer o essencial e fundamental da nossa vida, isto é, o seguimento do Cristo pobre humilde e crucificado. Nesse caminho de discipulado franciscano, percebi que todos os acontecimentos são manifestação do amor de Deus, basta somente abrir-se para essa graça e reconhecer o rosto de Cristo que está impresso em cada acontecimento. Foi um momento de ser agradecido pelo chamado à vida franciscana e de ver o quanto Deus tem concedido em abundância os benefícios necessários para a minha caminhada. Desse modo, vejo que sempre tenho que confrontar a minha caminhada com o essencial da vida franciscana para cada vez mais crescer na conformidade com nosso Senhor Jesus Cristo, para ter o seu modo de pensar, ser e agir.

No noviciado, renovei a minha afeição primeira que foi responsável por minha decisão de entrar na Ordem e buscar ser um franciscano. Foi tempo de perceber-se como família diante da herança deixada por Francisco, e ser cada vez mais fiel ao que é próprio da nossa identidade. No aprofundamento da história da Ordem e da minha história vocacional, vejo que o caminho é longo e deve ser buscado com afincamento por toda vida para que, desse modo, o crescimento na identificação com Cristo seja substancial, pois a minha alegria é seguir e viver somente por Cristo, com Cristo e em Cristo.

No ano em que celebramos a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, tive que, por graça, subir ao monte Tabor para ver a transfiguração de Cristo no rosto de Francisco de Assis. Talvez seja assim a melhor forma que tenho para definir o noviciado, ou tentar dizer a experiência do noviciado.

Aqui, definir não é, de modo algum, ter algo por pronto e acabado, mas um se acercar, com toda a limitação, nos aproximar da experiência do noviciado. A dificuldade consiste, pois, em que todo este nosso experimentar durante um ano nos coloca na dimensão de encontro com o Cristo Pobre e Crucificado, encontro que nos desestabiliza de nossas pré-compreensões e nos coloca em uma nova compreensão.

Assim, o noviciado enquanto encontro com o Cristo na experiência de Francisco de Assis nos provoca à mudança de mentalidade, à saída do homem velho para o homem novo, à saída do espírito do século para o Espírito do Senhor. Nos seus diversos modos, o mestre, com sua forma peculiar, tentou acenar para esta evidência do caminho vocacional, sempre ressaltando a importância do vencer-a-si-mesmo para o co-nascimento em Jesus Cristo, o homem novo.

O desabrochar dessa experiência deve ser feito todos os dias, a cada instante, cultivando o toque pelo ideal de Francisco, ou seja, junto com ele, como nobres cavaleiros e fiéis como companheiros, viver a experiência do encontro com o Deus encarnado chamado Jesus Cristo. Todavia, este momento pós-noviciado é para nós a descida do monte Tabor. Cheios de gáudio somos convidados a dar o testemunho desse encontro. E para isto nos ajude a bem-aventurada Virgem Maria e o Seráfico Pai São Francisco.



Noviciado: ano da provação, provar e ser provado

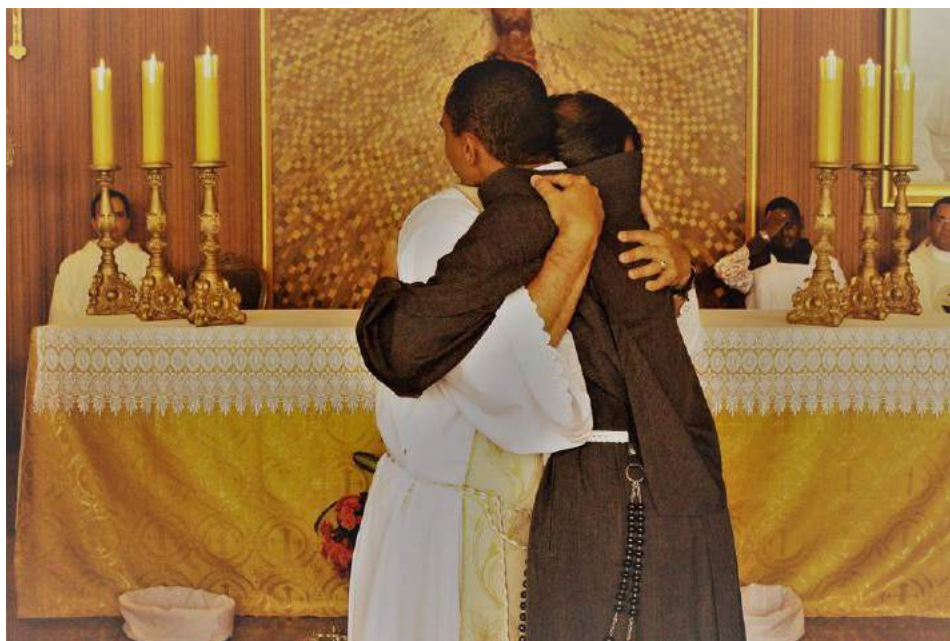
Por Frei Luís Ventura, OFMConv.

Quando falamos de noviciado na vida religiosa, logo damos a definição do mesmo como “o ano da provação”. Tal definição não encerra em si um equívoco. O equívoco surge na forma como entendemos o sentido do termo “provação”.

Falamos de provação e a primeira coisa que nos vem à mente são métodos rigorosos de ascese e formação um tanto quanto obsoletos e retrógrados, frutos de um tempo e suas exigências e compreensões próprias que devem ser compreendidos em seu contexto, sem anacronias. Também condiciona a nossa compreensão as biografias bem como os filmes dos santos, biografias e filmes tais que, na tentativa de exaltar a santidade desses homens e mulheres, nos apresentam pessoas extremamente impecáveis de formação austera dentro dos conventos, sobretudo na etapa formativa do noviciado, onde os noviços (as) são os que mais sofrem nas mãos dos superiores.

Todavia, para bem compreendermos o que é o noviciado na vida religiosa, e de modo especial na nossa Ordem, é preciso o exercício de purificação de nossos pré-supostos.

Como filhos do Seráfico Pai São Francisco de Assis, nós, frades menores, procuramos em tudo seguir o exemplo de nosso pai espiritual. A vida de um santo é um processo, haja vista que um santo nunca nasce santo, mas vai se santificado com o auxílio da graça divina ao longo de sua vida. Com São Francisco não foi diferente. Sabemos que São Francisco, em determinado momento de sua vida, tornou-se um



religioso; mais que isso, foi o fundador de uma nova Ordem religiosa. Como religioso, ele também fez o seu noviciado. Esse noviciado foram os primeiros anos de sua conversão, quando ainda não tinha nenhum companheiro. Nesses anos, Francisco procurava uma forma de melhor cumprir a vontade do Senhor que o chamava, dedicava significativo tempo à oração, trabalhava com suas próprias mãos, esforçava-se para ser fiel à sua vocação; enfim, era engajado na busca de intimidade e união com o Senhor a fim de melhor conhecer e cumprir a sua vontade, e gastava tempo com isso.

Dessa forma, podemos dizer que os primeiros anos da conversão de São Francisco foram o seu noviciado. Foi nesse tempo que ele descobriu qual era o teor e a forma de vida que deveria levar conforme ele mesmo disse em seu testamento: “ o próprio Altíssimo me revelou

que deveria viver segundo a forma do santo Evangelho.” (Test.14). Foi nesse tempo também que ele, a partir da escuta do santo Evangelho no qual Nosso Senhor enviava os discípulos, mudou as suas vestes e passou a usar uma pobre túnica em forma de cruz cingida por uma corda. Foi, enfim, nesse período de maior recolhimento e oração que São Francisco compreendeu qual era a sua missão e a forma de vida para si e seus irmãos, a saber: “observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, em obediência, sem nada de próprio e em castidade”.(RB 1).

Mas o que isso tem a ver com provação? O termo “provação” deriva do latim “probatio” e significa, dentre outras coisas, experiência. Experiência entendida aqui não como algo empirista, mas como a vivência de uma nova realidade. No caso de São Francisco, uma experiência, isto é, uma vivência de Deus e do Evangelho. Isso foi uma experiência nova em sua vida e na vida da Igreja, por isso ele foi um noviço, isto é, alguém “novo” em uma forma de vida. Noviço, portanto, é aquele que está começando, que está sendo iniciado em uma forma de vida.

Todo religioso deve fazer, no mínimo, um ano canônico do noviciado. Esta é uma determinação da Igreja. Quando nós, frades menores, iniciamos o noviciado, não estamos fazendo outra coisa senão perfazendo os passos de nosso Seráfico Pai São Francisco no caminho do Cristo pobre, humilde e crucificado. Perfazer tem aqui o sentido de passar por um processo a fim de nos tornarmos perfeitos e santos como foi São Francisco, que foi denominado “outro Cristo”. Nesse processo, nós provamos essa forma de vida minorfítica inaugurada pelo próprio Francisco, e também somos provados, isto é, somos iniciados nessa vida através da formação e da orientação do frade que é o mestre de noviciado, o qual é responsável pela formação dos noviços.

Percebe-se assim que o noviciado é provar e ser provado. O noviço prova essa vida e é nela iniciado, isto é, no desafio de cada dia o noviço vai aprendendo a viver como um frade menor filho de São Francisco. Aprende a rezar como um frade, a trabalhar como um frade, a estudar como um frade, a ser fraterno como um frade, e também a se divertir como um frade. Em tudo isso, o noviço busca assimilar o modo de ser todo próprio de um frade menor, modo este que tem no Cristo pobre, humilde e crucificado a sua essência.



Para melhor viver esse ano tão especial, o noviço passa um ano numa vida mais reclusa. Não realiza trabalhos pastorais, não tem constante visita de familiares, não sai do convento para andar na rua, exceto em alguma necessidade. O noviciado é um ano especial para que o noviço possa estar com o Senhor, só se dedicando a buscar a intimidade com ele dentro de nossa espiritualidade. Essa será a sua pastoral. Seu trabalho será o trabalho dos traba-

lhos: trabalhar a si mesmo, vencer a si mesmo, perfaizer-se. Nesse sentido, a formação mais séria, a oração constante, a penitência corporal, e até mesmo as diversas dificuldades entendidas como provação no sentido comum, não são outra coisa se não exercícios que servem para nos tornar tarimbados no seguimento do Senhor. Em tudo isso, o noviço prova e é provado, e aprende a ser um irmão menor tal qual São Francisco de Assis; aprende a se perfaizer.

Terminado o ano da provação, depois de provar e ser provado, o noviço faz a sua primeira profissão religiosa da Regra Franciscana “prometendo observar sempre essa vida e Regra” (RB 2,11) que provou e na qual foi provado durante um ano. Deixa então de ser um noviço e passa a ser um professo, uma vez que professou os votos de pobreza, obediência e castidade. Mas é um equívoco pensar que com a profissão religiosa o caminho do frade já chegou a seu termo. A profissão religiosa não é o fim, mas o início de um caminho que durará toda a sua vida religiosa, renovando a sua consagração e recomeçando diariamente. Nisso, o frade será sempre um eterno noviço.



Noviciado Franciscano: Tempo de Transfiguração

Por Frei Marcelo Borges, OFMConv.

Às vésperas de ingressar no período de Noviciado, alguém nos exortou a que nos preparássemos para viver dias de subir o monte Tabor para ali participar e constatar a transfiguração de Jesus (Mt 17, 1-9). Foi-nos dito que ali buscaríamos com transparência o rosto de Deus, sumamente revelado em seu Filho unigênito. Porém, com grata surpresa, outra coisa não veríamos senão o rosto de Francisco de Assis. Sumo mistério! Deus descoberto e irradiado por um jovem como nós que, inflamado de amor seráfico, convidava-nos a adentrar nas profundezas infinitas deste mesmo amor.

Passado cerca de um ano desde então, um olhar para trás confirma o que foi dito. Entre a perfeita alegria de poder reconhecer o rosto de Deus e as batalhas da vida concreta, que por vezes turvam nossa visão, noviciado é sim tempo de transfiguração: seja porque nele comungamos - em fraternidade, diferença essencial! - da busca de Deus realizada por Francisco até poder ver a sua glória, seja porque, imbuídos dessa visão e com essa força de renovação, somos convidados por Cristo a descer desse monte a fim de partilharmos o poder transformador de uma tal experiência com o divino.

No primeiro aspecto, como Cristo que toma consigo Pedro, Tiago e João e os conduz a um alto monte (cf. Mt 17, 1), noviciado foi oportunidade de estar com o Senhor para, com os irmãos, aprofundar-se nisso que é o amor que atingiu Francisco, de forma infinita e pessoal, e o impeliu a deixar deste amor, e que depois, impele-nos. Que amor é esse de ultrapassar tan-barreiras? É isso o E ali, na dinâmica no, no simples, encontrando pistas força avassaladora

“De fato, é incrível como o simples estudo de uma fonte franciscana, um trabalho manual realizado, a oração fiel, a comunidade fraterna e tantas outras ordinariedades, se firmadas no ideal originário e no vigor que nos anima a seguir a Cristo, tem um poder transformador de revelar Deus”

tudo e viver unicamente hoje, oitocentos anos de semelhante maneira. de Deus por nós capazes e outrora tão fortes que buscamos descobrir. do noviciado, no cotidia-gradativamente vamos e respostas sobre essa que nos envolve. De fato, é incrível como o simples estudo de uma fonte franciscana, um trabalho manual realizado, a oração fiel, a comunidade fraterna e tantas outras ordinariedades, se firmadas no ideal originário e no vigor que nos anima a seguir a Cristo, tem um poder transformador de revelar Deus.

Contudo, é necessário descer desse alto monte (Mt 17, 9). O que não se faz com tristeza. Ao contrário, quem recebeu tamanho dom e amor tem imediato e avassalador desejo de irradiá-lo, transmiti-lo, vivê-lo. Qual Francisco a gritar que o amor não é amado, e precisa ser, somos impelidos a compartilhar a maravilha que é ser de Deus desta forma. Aqui, o que se chamaria de chegada é, sobretudo, ponto de partida. Neste sentido, o noviciado não termina, não conhece fim; é ânimo perene, forte e gratuito de quem se reconhece devedor diante do recebimento de tão grande graça que é o discipulado de Cristo. Renova. Arrebata. Irradia.

É a alegria de quem foi agraciado com a descoberta de um tesouro no campo, e, COM

ALEGRIA, vende tudo para comprar o terreno (cf. Mt 13, 44). Ganhos e perdas, alegrias e dificuldades, vitórias e batalhas, risos e lágrimas; tudo é ressignificado pelo valor do tesouro. De fato, noviciado tem por essência algo de precioso.



Por Frei José Rafael da Silva OFMConv.

O segundo noviciado, período de aprofundamento do carisma franciscano. Momento muito rico e profundo para cada vez mais aprofundar e fundamentar minha fé totalmente pessoal na confiança imperturbável em Deus, que é o Sumo Bem.

Esse período formativo me possibilitou estar atento ao chamado, de modo a permitir que o falso e compulsivo “eu” fosse transformado num “eu” do Cristo, e também a mostrar que é por meio do silêncio e da solidão que essa transformação vai ocorrendo. A solidão é o ensejo da luta contra as compulsões do falso eu, e do encontro amoroso com Deus. Enfatizo a questão da solidão, que é bem diferente de ser solitário. O solitário não convive com os irmãos em fraternidade. No discipulado franciscano, a solidão, o silêncio nos mantêm peregrinos e nos impedem de nos enredar nas inquietações do mundo.

E é nessa relação entre o silêncio e a solidão que os sentimentos e emoções vão se entrelaçando. Muitas vezes confundi sentimentos e emoções. São, portanto, duas coisas distintas. Contudo, as emoções surgem dos sentimentos, pois as emoções são estados de ânimos despontados pelos sentimentos, que podem ser: de raiva, ira, tristeza e felicidade. Vimos que se faz necessário descobrirmos os gatilhos que impulsionam as nossas emoções.

Os gatilhos emocionais são desenvolvidos após uma experiência negativa, um trauma na infância, na adolescência. Quando somos colocados diante dessas situações, nossas emoções são desencadeadas e reagimos de maneira inadequada, ou seja, saímos de nós e ficamos sem entender o que desencadeou, e nos arrependemos. Por isso se faz necessário descobrirmos esses gatilhos: para melhor lidar com eles. Para descobrirmos se faz necessário ir à raiz do problema a fim de descobrirmos as feridas emocionais.

Com as descobertas dessas feridas emocionais, voltamos ao estado normal. E voltar ao estado normal é ser resiliente, ter a capacidade de adaptar-se às mudanças e às adversidades da vida. A resiliência é como um elástico flexivo que vai se alargando para lidar com as dificuldades, com as pressões e com os desafios. Uma pessoa resiliente usa sua largueza, ou melhor, sua flexibilidade para se adaptar as dificuldades fazendo uso da criatividade para encontrar soluções alternativas.

Dentro desse contexto de resiliência vimos que se faz necessário repensar o franciscanismo a partir do “eu”, da minha relação comigo mesmo, com aqueles que me são diferentes e com os quais convivo. Esse eu é um “eu” resiliente, que se alarga para compreender o outro em sua necessidade criando meios para uma boa convivência fraterna, na qual se respeita as diversidades e carismas de cada um. Esses carismas, porém, devem ser postos à disposição da fraternidade.

Em síntese, o objetivo da nossa vida não são as pessoas, mas Deus. Somente nele encontramos a quietude que procuramos. É, portanto, para o itinerário da solidão que devemos retornar, com a nossa fraternidade que abraçamos ao longo desse itinerário.

Queridos leitores, quero compartilhar com vocês um pouco do que foi a minha experiência no 2º Noviciado. Mas antes, acho que devo explicar o que vem a ser este segundo noviciado.

Ao término da filosofia, que dura três anos, os Postulantes são admitidos para o Noviciado, que dura um ano completo. No Noviciado, que fica em Caçapava-SP, nós somos inseridos efetivamente no Ordem Franciscana, recebemos o Habito e o nome de Frei. Ao término desse Noviciado, fazemos a Profissão Simples, onde professamos os votos de Pobreza, Obediência e Castidade. Esses votos são renovados a cada ano (por três anos) até a chegada da Profissão Perpetua¹. Mas antes de professarmos perpetuamente é necessário fazermos o segundo Noviciado, o qual dura um mês. Esse segundo noviciado, então, consiste em uma preparação mais profunda para os votos perpétuos.

Deus sempre está nos surpreendendo. Ele não deixa que as experiências que fazemos ao longo da vida fiquem sem sentido. Assim aconteceu comigo no início deste ano de 2017. No dia 04 de janeiro, eu, Frei Adailton, Frei Décio e Frei José Rafael nos juntamos a Frei Augusto e Frei Arnaldo, da província de São Paulo, e a Frei Alessandro, da Custódia do Maranhão, para fazermos o Segundo Noviciado.

Para mim, de modo particular, este segundo noviciado falou muito ao meu chamado vocacional, me fez voltar ao meu “ponto de partida”, quando a nove anos atrás eu decidi entrar na Ordem dos Frades Menores Conventuais. Passamos quase um mês em uma convivência intensa, onde pudemos confrontar as nossas vocações partindo de uma formação que nos levou a compreendermos as nossas emoções e sentimentos na dinâmica de um controle efetivo emocional, nos confrontando com o nosso desenvolvimento humano e repensando o franciscanismo à luz do seu ponto mais central que é a fraternidade.

Quando digo que Deus nos surpreende, quero dizer que os caminhos que traçamos na formação inicial sempre nos levam a um confronto conosco mesmos. Quando fui aprovado para o Noviciado em Caçapava-SP, uma das primeiras experiências que fizemos foi ir a pé da casa de noviciado até a Casa Kolbe, um lugar afastado do centro da cidade cerca de 4 Km. Naquela ocasião, fomos caminhando juntamente com nosso mestre de noviciado, Frei Antônio Corniatti, e no caminho fomos sendo formados por ele.

Coincidentemente, ou melhor dizendo, pelos planos de Deus mesmo, depois de cinco anos, no fim do segundo noviciado, o nosso formador, Frei Everson, nos propôs, para o retiro final, fazermos uma peregrinação até a casa onde faríamos o retiro. Andamos cerca de 18Km, fazendo a experiência de São Francisco de Assis, que foi peregrino por este mundo.

Pude, em momentos em que estava caminhando sozinho, me confrontar, confrontar o meu chamado e pude ver que, para abraçar a vida franciscana, é necessário deixarmos tudo para trás e caminhar. Uma caminhada que, ao mesmo tempo, fazemos só e em fraternidade. Assim, Deus me recebeu na Ordem, em uma Caminhada, em uma peregrinação. Essa peregrinação ainda está no começo, tenho muito que caminhar/peregrinar. E é no Caminho, que é Jesus, que vou andando, seguindo os passos de São Francisco de Assis.

¹ Na edição do mês de junho, frei Israel explicou o que vem a ser os votos perpétuos.



Um “seminário” em saída

Por Frei Paulo Arantes, OFMConv.

O papa apenas faz ressoar a voz de Cristo que nos chama ao movimento de saída. O primeiro passo é sempre o mais doloroso. Sair de si é sempre um desafio. Mas jamais alcançará o Céu quem não servir a Deus na pessoa dos mais necessitados. Ou melhor, não alcançaremos o céu se não sujarmos os nossos sapatos. O primeiro passo tem feito muito barulho e muita gente anda acordando para esta realidade. É próprio do batizado ser missionário. Uma Igreja que cria raízes no comodismo não produz frutos saborosos e consistentes para um mundo sedento de Deus e faminto de sua palavra. É preciso sair para trazer, é preciso sair para fazer conhecido o amor de nosso Deus.

Assim fiz esta experiência na cidade de Niquelândia-Go, uma cidade pequena de povo simples e de muita fé, sem contar que a vida desse povo é fundamentada nos sacramentos da Santa Madre Igreja. Levei as mãos vazias para abraçar com mais forças projetos já iniciados pelos meus confrades, onde fui para somar forças e diminuir carências. Ali não tive a pretensão de ser a solução para os problemas, mas o sinal da misericórdia de um Deus apaixonado que jamais desampara os seus amados. Ali pude partilhar e celebrar a liturgia da palavra e viver, em cada comunidade que passei, momentos edificantes para a minha vocação.

Foi maravilhoso perceber em cada rosto a presença viva de Deus e uma busca de uma verdadeira espiritualidade que contagia a vida de todos. Pude perceber que este povo tem uma sede muito grande de conhecer o Evangelho para melhor servir e construir um mundo mais justo, onde todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10, 10). Para mim, fazer essa experiência missionária foi motivo de muita alegria, porque me levou a cada instante a confirmar a minha vocação. Além do mais, fortaleceu-me como cristão batizado que quer assumir verdadeiramente o anúncio do Evangelho nos quatro cantos do mundo, ou seja, abraçar com fé a minha própria realidade.

Em consequência disso, ressalto mais uma vez o nosso papa Francisco, pois nos desafia a sermos uma Igreja em saída, próxima das pessoas assim como elas são, sem medo, na certeza de que, deste modo, todos nos enriquecemos. Deixemo-nos contagiar pelo espírito missionário de Jesus e não tenhamos medo de alargar nosso coração, sair de nós mesmos, quebrar a crosta do egoísmo e abraçar com alegria o convite que também hoje Jesus nos faz: “Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos”. (Mt 28, 19).

Enfim, com estas breves palavras me despeço com muita saudade desse povo simples e hospitaleiro que deseja estar sempre no discipulado de Jesus Cristo. Orem por mim, para que eu corresponda fielmente aos sonhos que Deus tem para mim nas terras onde Ele me espera para vivermos, juntos, uma história de amor, ao lado de seus amados.

Uma experiência extremamente enriquecedora

Por Frei Wagner Faustino, OFMConv.

Pessoalmente, considero a semana missionária no Santuário São José (Niquelândia-GO) um acontecimento marcante, surpreendente e profundamente enriquecedor. Entendo que o marco da semana reside em nos ter dado a oportunidade de ter contato próximo com uma comunidade extremamente rica de expressões humanas. Ir às casas nos propiciou encontrar pessoas de todos os tipos, rostos e temperamentos, pessoas que viviam as mais diversas situações de vida. Cada casa, cada semblante, cada acolhida era uma porta que se abria para o contato um mundo novo, cheio de lutas, histórias, desafios e sonhos. Um marco é algo como uma cicatriz: estará sempre com você de modo que você a carregará mesmo sem perceber. Penso que o contato com a realidade humana dos lugares onde fomos, particularmente aqueles mais distantes e com as pessoas mais pobres e simples, ficará assinalado em nós como uma cicatriz interior.

Considero surpreendente o contato com a profunda confiança em Deus que muitos, particularmente os mais humildes, nutrem. Para mim, esta confiança ressoou assim como o encontro com um diamante achado no meio de um chão duro de terra batida. Encontrar pessoas que não desistem de acreditar e confiar em Deus, mesmo numa situação extrema de dificuldade e num mundo onde tudo parece concorrer para levar o coração humano a esquecer Deus, é algo que nos toca profundamente. Perceber que o evangelho é vivido com profunda simplicidade, e por isso mesmo com extrema verdade e radicalidade, em meio a situações de dor e dificuldade incríveis, surpreende-nos imensamente. Há luzes acesas que nós nem imaginamos, luzes que brilham pela simples beleza e graça de brilhar, luzes que as pessoas geralmente não veem nem sabem que existem.

Por fim, vejo esta experiência como algo profundamente enriquecedor. O contato pessoal com inúmeros irmãos, seja com paroquianos que nos acompanharam seja com as pessoas que visitamos ou, ainda, com aqueles que simplesmente nos acolheram com um bom dia, nos deu a graça de receber lições de vida que os estudos teológicos certamente não poderão proporcionar. É que as palavras, mesmo as melhores, são incapazes de traduzir aquilo que de mais profundo o coração humano pode experimentar. Como descrever o olhar de uma criança que te abraça sorrindo e te beija sem nunca ter te visto antes? Como descrever a fé de alguém que mora tão longe que não tem nenhum vizinho no seu campo de visão, que vive no meio da plantação, numa casa simples de um só cômodo, cheia de dores, mas que te recebe com um sorriso e te diz que confia em Deus? Riquezas acerca das quais as palavras que conheço não conseguem traduzir. Há lutas, há dificuldades, há doenças, há solidão, mas no meio disso tudo há fé, simplicidade, alegria, confiança, amor.

Considerando tudo isto, espero sinceramente que a correria da vida não me faça esquecer da cicatriz que trago comigo. Achar um diamante no meio da terra batida é algo que não acontece todo dia. Cheio de gratidão, louvo a Deus e agradeço a todos que ajudaram a mim e a meus irmãos a viverem esta experiência missionária. São Francisco costumava pegar dois gravetos e “tocar violino” para extravasar a alegria do seu coração. Espero que a palavra *gratidão* seja, aqui, não somente uma palavra, mas um gesto como este de Francisco de Assis.

Missionários de Cristo²

*É com muito carinho
Que vamos acompanhar
Os missionários de Cristo
Aqui neste lugar*

*Esta missão é tão linda
Venha participar
E com muito amor
A Tua palavra guardar*

*Estamos todos ansiosos
Desta hora chegar
Aqui em nossas casas
Cristo vai abençoar*

*Não tenhas medo de nada
Com amor vamos esperar
Pois é o próprio Cristo
Que vem nos ensinar*

*Aqui em minha casa
Com muita fé vou esperar
E tenho certeza que Cristo
Comigo irá ficar.*

Fazenda Rio Vermelho – Município de Niquelândia – GO - 30/01/17

² Poema entregue aos missionários em mãos pela senhora Cândida Rodrigues de Souza, moradora de Niquelândia - GO.

³ (Sic). Para dizer que a palavra a ser guardada é a Palavra de Deus, a expressão deveria ser "Sua".



Experiência missionária no Amazonas: como o semeador que saiu a semear

Por Fr. Maykon Anderson, OFMConv.

Logo que recebi o convite para ir fazer a experiência missionária no Amazonas, uma certeza havia em meu coração, a saber, não gerarei expectativas. Isso não quer dizer que iria sem esperanças, de qualquer jeito. Muito pelo contrário, toda a minha esperança fora que fosse feita em tudo a vontade de Deus. Que Deus me usasse conforme a sua vontade e que eu pudesse encontrá-Lo como Ele se dispusesse a se revelar para mim.



Com o coração totalmente entregue, no dia 04 de janeiro de 2017 me encontrei com o Frei Marcus Orlando no aeroporto de Brasília e fomos para Manaus. Em Manaus, fomos muito bem acolhido pelos frades, conhecemos algumas riquezas típicas daquela região e pudemos contribuir num curso de catequese. Lá passamos uns seis dias. No dia 9, nos deslocamos de avião para Tefé, de onde partiríamos no dia seguinte para Juruá.

Chegamos em Juruá no dia 11. Lá começou outra fase dessa história. Juruá é um lugar muito simples, cidade bem pequena. Neste lugar pude compreender muitas coisas. Uma delas foi o fato de Dom Frei Agostinho ter querido morar e morrer aí. No âmbito da fé, Juruá é uma terra onde há fé, mas uma fé ainda pouco trabalhada. É um modo de fé que carece dos nutrientes mais substanciais. Nesse sentido, grande já é a contribuição dos frades desde que Dom Agostinho ali chegou.

O próprio Dom Agostinho é uma história singular nesse processo: sua vida e, possivelmente, sua morte mais ainda, deixaram marcas reais do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo para aquele povo naquela cidade. Ouvei isso com toda clareza de uma jovem que pode testemunhar essa realidade em sua própria vida e na vida de sua família.

Não é que em Juruá não haja problemas reais. Há sim, e problemas até graves. No entanto, nesse lugar ainda se respira um puro ar de liberdade. A questão econômica é uma dificuldade dura no cotidiano. Mas o que mais me chamou a atenção é que ali se vive uma vida muito próxima do contexto bíblico de civilização. Há uma liberdade de ser quem se é e, ao mesmo tempo, há tempo para se dedicar ao que, de fato, é importante na vida. Em Juruá, o tempo passa de outra forma. É preciso ser simples para deixar-se ser guiado por aquela forma de tempo, pois nossos pés em geral estão acostumados a correr em outra velocidade.

Um povo que tem dificuldade de falar de si, mas que tem um coração profundamente fecundo e rico em história de vida. Um povo sofrido, mas também um povo feliz. Assim, o que

se conhece como programa pastoral não faz muito sentido lá. Juruá é um lugar onde o melhor programa pastoral é dar o testemunho real do Evangelho. Onde ser e viver de fato como frade ainda fala mais do que shows de fé. É no dia a dia, no corpo a corpo que a evangelização vai acontecendo.

Tivemos uma grande experiência de fraternidade com os frades que estavam no convento: o frei Enivaldo e o frei Herton Alcântara. Além do curso de catequese preparado pelo Frei Marcus Orlando, conferimos palestras, ouvimos as histórias de muitas pessoas e praticamos esportes com os jovens. Enfim, muitas foram as experiências de Deus neste lugar.

No dia 20 de janeiro, saímos de Juruá para passarmos o restante dos dias em Tefé. Chegamos em Tefé e lá convivemos com o Frei Vogran. Naquela cidade, encontramos outra realidade, diferente tanto de Manaus quanto de Juruá. Por ser uma cidade de maior porte do que Juruá, o ritmo e a dinâmica é um tanto diferente.

Em Tefé há uma maior expressão de fé, um maior número de comunidades, até uma variação maior de espiritualidades. Mas, pelo que foi notado há uma dificuldade eclesial muito grande também. É perceptível uma mentalidade um tanto dissonante entre o clero. O problema é que isso dificulta o crescimento na fé daquele povo.

Porém, o que mais me chamou a atenção, no caso no âmbito da realidade de nossa paróquia e comunidades, foi a busca dos jovens. Tive muito contato com os jovens e é notório a busca e a entrega desses. Há uma juventude viva e que quer encontrar e se entregar a Deus completamente. É verdade que, devido às estruturas sociais e culturais, há também alguns desafios a serem superados, o que, mais uma vez, vai exigir um olhar cuidadoso para cada pessoa e um acompanhamento próximo para ajudá-los encontrar o rosto da sua identidade, muitas vezes pessoal, mas também de fé.

Em Tefé, foi-me aguçada a importância de amadurecimento na vocação religiosa e, no caso dos sacerdotes, na vocação sacerdotal. Não dá para brincar com a própria vocação porque, do contrário, em algum momento também se vai brincar com a fé do povo. É um povo muito belo em seu modo de ser, mas que, pela própria história, já sofreu demais e não merece ser tratado de qualquer modo. Saímos de Tefé dia 03/02 para Manaus e, de lá, retornamos à Brasília no dia 04/02.

A Igreja, a Ordem e a Província têm muito a dizer e o que fazer aí e, por isso, não dá para querer dizer qualquer coisa. É necessário abraçar o que o próprio pai Francisco nos educou a dizer, isto é, dizer o Evangelho com a própria vida e, se necessário, usar as palavras. Lá tem lugar para Ele, tem-se sede desse Evangelho, tem espaço para Jesus nascer. Portanto, a vida do frade, que é viver o Evangelho, tem e pode encontrar sentido, não só em Tefé, mas também em toda a realidade amazônica.



Como o semeador que volta para casa após a semeadura, voltei de bolsos vazios, pois não poupei em lançar todas as sementes. Doei-me por inteiro, ouvi, falei, sorri, chorei, brinquei, permiti-me o contato olho no olho com o povo de Deus. Assim, voltei mais vazio de mim e com todas as sementes que podia ter lançado lançadas; mas voltei mais cheio, repleto da graça de Deus. Voltei com a certeza que ali Deus habita e que, por diversos modos, revelou-Se a mim.

Ele se revelou num sorriso sincero, num abraço dado ou num não abraço, nas histórias de vida, nas enfermidades, na pureza de uma criança que não mais esqueceu do frei Maykon desde a primeira vez que o viu, no coração de cada jovem que confiou sua história a mim, no encantamento de cada pessoa que se encantou ao olhar para este hábito que nos identifica como filhos de Francisco; de modo bem singelo, na fraternidade vivida com cada frade com os quais tive a oportunidade de estar, em cada formação dada, em cada celebração da Palavra realizada, em cada vida transformada a começar pela minha, em cada voz que se derrama as pés do Senhor ofertando o seu dom, assim como em toda beleza natural daquela região.

Não é possível descrever tudo aqui, porém é imprescindível agradecer a Deus a oportunidade a mim concedida, agradecer o cuidado maternal de Nossa Senhora e agradecer o fato de eu ser um franciscano. É nesses tipos de experiências que percebemos melhor a grandeza disso tudo. Como diria Dom Frei Agostinho: "Vale a pena acreditar no que os santos acreditaram." E se ele, com todo odor de santidade, acreditou naquelas terras, é porque vale a pena, pois lá se encontra o que jamais os olhos viram ou os ouvidos ouviram, lá se encontra o mistério do Deus encarnado pequenino numa manjedoura, O qual tanto mexeu com a vida de Francisco de Assis. Paz e Bem!



Caros leitores de *O Poverello*, paz e bem a todos!

Durante o período de 13 de dezembro de 2016 a 16 de janeiro de 2017, os frades do seminário São Francisco de Assis estiveram de férias. Férias não da dinâmica da vida religiosa, já arraigada em nosso modo de vida, mas entendida como um período de descanso dos afazeres conventuais e acadêmicos.

Nesse íterim, os freis estiveram com suas famílias, visitaram suas comunidades de origem, puderam rever os amigos, descansaram e mataram a saudade dos familiares; outros, ainda, desfrutaram do frescor de nossas praias litorâneas.

Vale ressaltar que quatro frades (Adailton, Alexandre, Décio e José Rafael) voltaram mais cedo de suas férias a fim de participarem de uma etapa de formação intitulada: *Segundo noviciado*, período de aprofundamento do carisma franciscano e preparação para a profissão de seus votos solenes (perpétuos).

Dois freis (Marcus e Maykon) tiveram a oportunidade de conhecer a missão franciscana nas cidades de Manaus, Tefé e Juruá, ao passo que seis frades (Beneval, Geraldo, Marcos, Paulo, Walthier e Wagner) fizeram uma experiência missionária nas comunidades pertencentes à paróquia de São José, localizada na cidade de Niquelândia.

Após o dia 16 de janeiro de 2017, os frades que estavam no convento participaram das missas no Santuário São Francisco e organizaram a casa: limpeza geral do convento; capinar; cortar e recolher a grama, etc., sendo possível se orgulhar de alguns containers lotados de entulhos. Tal serviço foi desempenhado por todos com muito amor em prol da fraternidade e cuidado para com o lar.

No dia 08 de fevereiro de 2017, os freis tiveram a alegria de acolher seis novos confrades vindos do noviciado realizado em Caçapava – SP (Antônio, Jorge, Josimar, Luís, Marcelo e Moisés). Esses já habitam o convento, dando continuidade ao seu processo formativo. Tais frades realizaram seus primeiros votos religiosos no dia 11 de fevereiro de 2017 em missa solene realizada no santuário Jardim da Imaculada.

O período de férias acadêmicas encerrou-se no dia 20 de fevereiro de 2017 com a Santa Missa realizada na cripta do Santuário São Francisco – Asa Norte e, em seguida, a aula inaugural realizada no auditório do Instituto São Boaventura (ISB).

Por Frei Geraldo Leite, OFMConv.

O OUTRO É UM DOM

O tema da mensagem do papa Francisco para a Quaresma de 2017 é uma profunda reflexão que convida-nos a redescobrir o dom da acolhida no doar-se ao outro. É esta a missão de todo cristão: morrer para o outro e abrir o próprio coração para o sofrimento dos fracos, necessitados e pobres.

Na sua mensagem, o papa afirma que a sua ideia de Igreja é um “hospital de campo”, com a função de curar as feridas de uma humanidade que precisa de cura e é fortemente marcada por doenças crônicas.

“A Quaresma é um tempo propício para abrir a porta a cada necessitado e nele reconhecer o rosto de Cristo. Cada um de nós encontra-o no próprio caminho. Cada vida que se cruza conosco é um dom e merece aceitação, respeito, amor. A Palavra de Deus ajuda-nos a abrir os olhos para acolher a vida e amá-la, sobretudo quando é frágil”.

O papa se detém, em particular, na parábola do homem rico e do pobre Lázaro, no evangelho de Lucas (cf. Lc 16, 19-31). O próprio Lázaro nos vem apresentado não como uma pessoa anônima, invisível, como, de fato, era o rico, mas como um indivíduo a quem podemos atribuir uma história pessoal. E, como tal, um dom, uma riqueza inestimável, um ser querido, amado, recordado por Deus, mesmo se a sua condição é aquela de um rejeitado.

“Lázaro ensina-nos que o outro é um dom. A justa relação com as pessoas consiste em reconhecer, com gratidão, o seu valor. O próprio pobre à porta do rico não é um empecilho fastidioso, mas um apelo a converter-se e mudar de vida”.

A Quaresma “é o tempo favorável para nos renovarmos, encontrando Cristo vivo na sua Palavra, nos Sacramentos e no próximo, tendo um verdadeiro caminho de conversão, para redescobrir o dom da Palavra de Deus, sermos purificados do pecado que nos cega e servirmos Cristo presente nos irmãos necessitados.

“A Palavra de Deus é uma força viva, capaz de suscitar a conversão no coração dos homens e orientar de novo a pessoa para Deus. Fechar o coração ao dom de Deus que fala tem como consequência fechar o coração ao dom do irmão”.

Neste renovamento espiritual, que passa através dos “santos meios” oferecidos pela Igreja, isto é, o Jejum, a oração e a esmola, o papa ainda encoraja todos os fiéis a expressar esta renovação espiritual, participando nas Campanhas de Quaresma que muitos organismos eclesiais, em várias partes do mundo, promovem para fazer crescer a cultura do encontro na única família humana.

“A Quaresma é um tempo propício para abrir a porta a cada necessitado e nele reconhecer o rosto de Cristo. Cada um de nós encontra-o no próprio caminho. Cada vida que se cruza conosco é um dom e merece aceitação, respeito, amor. A Palavra de Deus ajuda-nos a abrir os olhos para acolher a vida e amá-la, sobretudo quando é frágil”.

Outros acontecimentos



Missão Candeias -BA



Retiro anual dos Frades de Votos Perpétuos



Retiro anual dos Frades de Votos Perpétuos

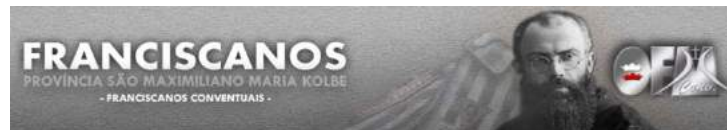


Fidesbook Brasil

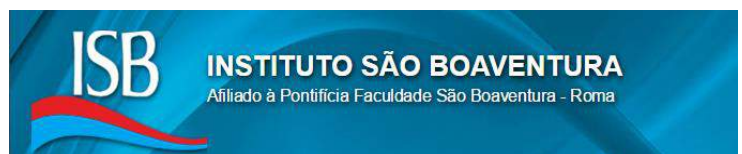
Fidesbook Brasil – Canal de vídeos evangelizadores do Seminário São Francisco de Assis (Ordem dos Frades Menores Conventuais – Província São Maximiliano Maria Kolbe – Brasília/DF_ <https://www.youtube.com/channel/UC-hQF1c4ljzYrFI3WOJTZzw/videos>,



<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>



<http://franciscano.org.br/>



<http://www.isb.org.br/>



“Concedei-nos, ó Deus todo-poderoso, iniciar com este dia de jejum o tempo da Quaresma, para que a penitência nos fortaleça no combate contra o espírito do mal.”

*Que Deus e a Virgem Maria
vos abençoe!*

Colabore conosco!

Paz e Bem!

SEMINÁRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS
MISSÃO KOLBE

Banco do Brasil
Agência. 0452-9
Conta Corrente. 44444-8

Frei Luís Felipe C. Marques, OFMConv
Guardião e Reitor

An illustration of a religious scene. It shows several figures in blue robes. One figure in the center is holding a golden chalice. The background is a light purple and white geometric pattern.